ISSN: 2358-8829

DA SALA DE AULA AO FEED: POTENCIALIDADES DO INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM BASEADA EM PRODUÇÃO DE CONTEÚDO EDUCACIONAL

Manoel Anório Apolônio Filho [1]

INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais nas práticas sociais tem provocado mudanças nas formas de produzir, compartilhar e acessar informações. A comunicação contemporânea é marcada pela circulação de textos, imagens, áudios, vídeos e outros formatos que se combinam em ambientes conectados. Nesse cenário, a escola é desafiada a dialogar criticamente com as práticas culturais dos estudantes e a promover experiências de aprendizagem que não se limitem à transmissão de conteúdos, mas favoreçam investigação, autoria, colaboração e participação social.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a cultura digital como dimensão relevante da formação básica e propõe que os estudantes compreendam, utilizem e criem tecnologias digitais de maneira crítica, significativa, reflexiva e ética. Essa orientação ultrapassa a habilidade operacional de utilizar dispositivos: envolve selecionar informações, comunicar ideias, produzir conhecimentos e participar de práticas sociais mediadas por tecnologias. Desse modo, a presença de recursos digitais na escola precisa estar vinculada a objetivos formativos e a situações reais de aprendizagem, e não apenas à novidade da ferramenta.

Entre as plataformas presentes no cotidiano de muitos jovens, o Instagram reúne recursos de publicação e circulação de fotografias, carrosséis, vídeos curtos, stories, transmissões ao vivo e comentários. Embora seja associado principalmente ao entretenimento, à interação social e à divulgação de conteúdos, o ambiente pode ser incorporado a propostas didáticas que valorizem a produção autoral. Nessa perspectiva, a plataforma deixa de ser somente um canal para receber informações e passa a integrar

[1] Doutor em Ciências da Educação pela University of the Integration of the Americas - UNIDA, manoel_apolonio@hotmail.com;

um percurso no qual os estudantes pesquisam, selecionam fontes, sintetizam ideias, planejam linguagens, elaboram materiais e refletem sobre a forma como o conhecimento será comunicado.

A diferença entre consumir e produzir conteúdos é central para este estudo. Quando a atividade escolar se restringe a solicitar que os estudantes assistam a uma publicação ou respondam a perguntas sobre ela, o potencial de autoria pode permanecer limitado. Por outro lado, quando a turma precisa elaborar um carrossel explicativo, um vídeo de divulgação científica ou uma sequência de publicações sobre determinado tema, os estudantes são convocados a compreender o conteúdo, identificar informações relevantes, adequar a linguagem ao público e justificar escolhas comunicacionais. A produção torna-se, assim, uma oportunidade de aprender ao explicar, revisar e compartilhar o que foi compreendido.

Pesquisas brasileiras já investigaram possibilidades pedagógicas do Instagram em diferentes contextos. Oliveira, Gomes, Ramires e Sobral (2023), por exemplo, discutem a plataforma como recurso para o ensino de produção textual no Ensino Médio, destacando sua relação com textos multissemióticos e autoria discente. Moreira et al. (2023), em estudo de caso no ensino superior, identificam possibilidades de uso da rede como apoio complementar ao processo de ensino e aprendizagem. Essas contribuições indicam que a discussão não deve se limitar à presença da tecnologia, mas considerar como as características da plataforma são articuladas às finalidades educativas.

Diante desse contexto, formula-se a seguinte questão norteadora: quais potencialidades e limites o Instagram apresenta quando utilizado como ferramenta de aprendizagem baseada na produção de conteúdos educacionais pelos estudantes? O objetivo geral é analisar, por meio de revisão da literatura, as potencialidades dessa plataforma para processos de aprendizagem que envolvam pesquisa, planejamento, autoria, produção e compartilhamento de materiais educativos.

A relevância do estudo está em contribuir para o debate sobre práticas pedagógicas conectadas à cultura digital, sem assumir que a adoção de uma rede social, por si só, garante inovação ou aprendizagem. Ao enfatizar a produção de conteúdo, o trabalho busca sistematizar possibilidades didáticas e discutir condições necessárias para uma utilização crítica, responsável e inclusiva.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo. A escolha dessa abordagem decorre do propósito de compreender e discutir sentidos, possibilidades pedagógicas e desafios relacionados à produção de conteúdos educacionais no Instagram, em vez de mensurar estatisticamente os efeitos de uma intervenção específica. A análise qualitativa permite colocar em diálogo estudos sobre redes sociais na educação, cultura digital, multiletramentos, autoria e metodologias ativas.

O levantamento bibliográfico foi orientado por temas diretamente relacionados ao objetivo da pesquisa: Instagram e práticas pedagógicas; produção textual e conteúdos multissemióticos; metodologias ativas e protagonismo estudantil; cultura digital e competências previstas na BNCC; e uso de redes sociais em instituições de ensino brasileiras. Foram considerados artigos científicos e documentos educacionais com pertinência temática, com destaque para estudos que abordam a produção de materiais pelos estudantes e não somente o consumo de publicações na plataforma.

Entre os materiais examinados, destacam-se a Base Nacional Comum Curricular, documento normativo que orienta competências e aprendizagens da Educação Básica; a pesquisa TIC Educação, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que oferece dados sobre acesso, uso e apropriação das tecnologias nas escolas brasileiras; o texto de Moran sobre metodologias ativas; a produção de Rojo e Moura acerca dos multiletramentos; e pesquisas acadêmicas que analisam diretamente o Instagram em situações educativas.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, os resultados não correspondem a dados coletados diretamente com estudantes ou professores. As considerações apresentadas constituem uma síntese interpretativa da literatura consultada e não devem ser entendidas como comprovação universal de eficácia. Além disso, como o levantamento foi orientado pela pertinência temática e não pretende constituir uma revisão sistemática exaustiva, as conclusões estão circunscritas às fontes analisadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

CULTURA DIGITAL E ESCOLA: PARA ALÉM DO USO INSTRUMENTAL

A discussão sobre tecnologias na educação exige superar a ideia de que a simples presença de dispositivos ou plataformas digitais transforma as práticas de ensino. A

tecnologia pode ampliar formas de comunicação e produção, mas seus efeitos dependem das decisões pedagógicas, das condições de acesso, dos conhecimentos dos participantes e das relações estabelecidas com o currículo. Uma atividade digital pode reproduzir uma lógica transmissiva se o estudante apenas recebe informações e executa tarefas mecânicas; de modo semelhante, uma proposta realizada com recursos simples pode promover investigação, diálogo e autoria quando organizada com intencionalidade.

A competência geral 5 da BNCC destaca a necessidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética. O documento associa a cultura digital à participação social, à comunicação, à produção de conhecimentos e à resolução de problemas. Essa formulação oferece sustentação para propostas em que os estudantes não sejam apenas usuários de plataformas, mas produtores capazes de avaliar informações, reconhecer diferentes linguagens e refletir sobre as consequências de suas publicações.

Os dados da TIC Educação também ajudam a contextualizar esse debate. A pesquisa de 2023 identificou que a proporção de escolas com perfil ou página em redes sociais aumentou em relação a 2020, embora o uso pedagógico dessas plataformas apresente diferenças entre redes e contextos. Os dados indicam que as redes sociais já fazem parte da comunicação institucional de muitas escolas, mas não permitem concluir, isoladamente, que elas estejam integradas de forma consistente ao currículo. A questão decisiva é como transformar a presença social da plataforma em experiência de aprendizagem planejada.

Nesse sentido, incorporar o Instagram ao trabalho escolar requer estabelecer objetivos claros e definir o que os estudantes deverão aprender, produzir e demonstrar. O ponto de partida não deve ser “usar o Instagram” como finalidade em si, mas identificar uma necessidade pedagógica e avaliar se os recursos da plataforma contribuem para enfrentá-la. A escolha do meio precisa estar subordinada ao propósito educativo, à faixa etária, às condições de acesso e às regras institucionais de uso de dispositivos e redes.

METODOLOGIAS ATIVAS, PROTAGONISMO E AUTORIA ESTUDANTIL

As metodologias ativas colocam a participação do estudante no centro de experiências que envolvem investigação, resolução de problemas, projetos, colaboração e reflexão. Moran (2015) destaca que essas propostas favorecem o envolvimento dos alunos em processos de aprendizagem nos quais a ação, a descoberta e a construção

coletiva assumem papel relevante. Isso não significa retirar o professor do processo, mas reposicionar sua atuação como organizador de situações de aprendizagem, orientador, mediador e responsável por acompanhar o desenvolvimento dos estudantes.

A produção de conteúdos para o Instagram pode ser planejada como uma atividade ativa quando demanda decisões intelectuais e comunicacionais. Para criar um carrossel educativo, por exemplo, os estudantes precisam compreender o tema, selecionar informações confiáveis, organizar uma sequência lógica, transformar conceitos em linguagem acessível, revisar a escrita e avaliar se imagens e textos se complementam. O produto final representa apenas uma parte do percurso; as aprendizagens também acontecem nas discussões, na revisão entre pares, na resolução de problemas e nas justificativas que sustentam as escolhas do grupo.

O protagonismo estudantil não deve ser confundido com a transferência integral da responsabilidade do ensino para o aluno. A autonomia é construída gradualmente e precisa de orientação, critérios transparentes e oportunidades de revisão. O professor continua responsável por definir objetivos curriculares, oferecer fontes iniciais, explicitar critérios de qualidade, acompanhar a participação e intervir diante de equívocos conceituais. A autoria, nesse contexto, significa que o estudante participa de modo efetivo das decisões e assume responsabilidade pelo conteúdo produzido, sem ficar desamparado durante o processo.

Uma atividade de produção digital pode ainda fortalecer a colaboração. A turma pode distribuir funções — pesquisa, redação, roteiro, design, revisão, acessibilidade e apresentação — e alterná-las ao longo dos projetos, evitando que apenas os estudantes com maior familiaridade tecnológica assumam as tarefas mais visíveis. O trabalho coletivo permite negociar ideias, argumentar, ouvir diferentes perspectivas e construir um produto comum. Para que isso aconteça, porém, é necessário acompanhar as contribuições individuais e garantir que a divisão de tarefas não se transforme em fragmentação da aprendizagem.

MULTILETRAMENTOS E LINGUAGEM DAS PUBLICAÇÕES DIGITAIS

Os conteúdos publicados no Instagram combinam diferentes modos de significação. Uma publicação pode articular escrita, fotografia, ilustração, cor, organização espacial, narração oral, música, movimento e legenda. Essa combinação exige mais do que domínio da escrita convencional: envolve compreender como as linguagens se complementam,

como o público interpreta a mensagem e como as escolhas visuais e verbais influenciam a construção de sentidos. O conceito de multiletramentos, discutido por Rojo e Moura (2012), contribui para compreender a diversidade de linguagens, mídias e práticas culturais presentes na comunicação contemporânea.

No contexto escolar, trabalhar com textos multissemióticos permite relacionar leitura e produção a gêneros que circulam socialmente. Carrosséis explicativos, infográficos, vídeos de divulgação, entrevistas curtas, resenhas e campanhas educativas podem ser tratados como produções que exigem planejamento discursivo e análise crítica. A familiaridade dos estudantes com determinados formatos não garante, por si só, domínio de seus usos informativos; por isso, a escola precisa transformar experiências cotidianas em objeto de reflexão, examinando finalidade, público, credibilidade, recursos persuasivos e possíveis efeitos da mensagem.

O artigo de Oliveira, Gomes, Ramires e Sobral (2023) aproxima o Instagram do ensino de produção textual no Ensino Médio e destaca o potencial dos textos multissemióticos para a expressão e a autoria dos alunos. Essa contribuição é relevante porque mostra que a plataforma pode ser analisada não apenas como canal de divulgação, mas como espaço de circulação de gêneros discursivos que podem ser apropriados criticamente para finalidades pedagógicas. O professor pode, por exemplo, discutir diferenças entre linguagem informal e formal, adequação ao público, síntese de informações e relação entre imagem e argumento.

A educação midiática também é indispensável. Produzir para uma rede social implica compreender que a informação circula em um ambiente no qual conteúdos verdadeiros, opiniões, publicidade e desinformação podem aparecer lado a lado. A pesquisa escolar precisa, portanto, incluir verificação de autoria, data, fonte, evidências e contexto das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura das fontes consultadas permite organizar uma primeira constatação: o potencial pedagógico do Instagram torna-se mais consistente quando a atividade envolve produção intelectual e não se restringe à visualização de publicações. A produção demanda que o estudante reorganize o que estudou e tome decisões sobre como apresentar esse conhecimento a outras pessoas. Ao sintetizar um conceito em poucos slides, elaborar uma explicação para um vídeo ou construir uma sequência de perguntas e respostas, o

aluno precisa selecionar o que é essencial, reconhecer relações entre ideias e identificar pontos que ainda não compreendeu.

Esse processo pode tornar visíveis lacunas de aprendizagem. Quando o estudante tenta explicar um conteúdo com as próprias palavras, precisa lidar com dúvidas, simplificações inadequadas e contradições. A revisão do roteiro, a comparação com fontes confiáveis e o retorno do professor podem ajudar a aprofundar a compreensão. Assim, a produção não deve ser considerada apenas uma tarefa de apresentação final, mas uma estratégia que permite aprender durante a elaboração e aprimorar o conhecimento por meio da revisão.

Moreira et al. (2023), ao analisarem o uso do Instagram como recurso complementar em disciplinas do ensino superior, relatam aceitação dos estudantes e possibilidades de interação com conteúdos trabalhados em ambientes virtuais. Embora esse estudo não seja idêntico à proposta centrada na autoria estudantil, ele contribui para a discussão sobre o uso da plataforma como apoio ao ensino. A leitura conjunta com Oliveira et al. (2023) sugere que o desenho pedagógico importa: é preciso distinguir atividades em que a rede funciona como canal de apoio daquelas em que os estudantes produzem e assumem responsabilidade pela comunicação do conhecimento.

A produção de conteúdo também pode ampliar o sentido social do que se aprende. Quando o trabalho se dirige a um público definido — colegas de outras turmas, comunidade escolar ou famílias — os estudantes percebem que a clareza, a correção e a acessibilidade da mensagem têm consequências para quem a recebe. A aprendizagem passa a envolver não apenas responder ao professor, mas comunicar conhecimento de forma compreensível e responsável. Essa finalidade pública pode contribuir para o engajamento, desde que não transforme a exposição ou a popularidade da publicação em critério principal de sucesso.

POSSIBILIDADES DIDÁTICAS DOS FORMATOS DO INSTAGRAM

Os diferentes formatos da plataforma podem ser selecionados de acordo com os objetivos de aprendizagem. O carrossel, por exemplo, permite organizar um conteúdo em etapas: apresentar uma pergunta, explicar conceitos, mostrar exemplos, sintetizar conclusões e indicar fontes. Essa estrutura favorece a sequenciação das ideias e pode ser utilizada em Ciências, História, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e outras áreas.

Para evitar simplificações excessivas, o professor pode estabelecer um limite mínimo de referências consultadas e solicitar que os estudantes anexem uma breve justificativa das escolhas realizadas.

Os vídeos curtos podem ser usados para demonstrações, explicações de procedimentos, experimentos, pequenas entrevistas ou divulgação de resultados de pesquisa. A elaboração de um vídeo envolve definir mensagem central, escrever roteiro, organizar tempo, cuidar da qualidade da fala ou da narração, selecionar imagens e realizar revisão.

Os stories e enquetes podem apoiar sondagens iniciais, retomadas de conteúdo e avaliação formativa, desde que o uso seja compatível com as regras da instituição e não exponha estudantes indevidamente. Uma enquete pode mapear ideias prévias ou gerar perguntas para uma aula; em seguida, a turma pode investigar as respostas e produzir uma publicação explicativa. Já as transmissões ao vivo podem permitir entrevistas com convidados, apresentação de projetos e debate público, mas exigem preparação, moderação e alternativas para estudantes que não possam participar em tempo real.

MEDIAÇÃO DOCENTE E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A mediação docente é condição fundamental para que a produção digital não se reduza a uma atividade recreativa. Antes da produção, o professor precisa explicitar o objetivo curricular, os conceitos que devem ser compreendidos, o público-alvo e os critérios de qualidade. Durante o processo, acompanha a pesquisa, orienta a seleção de fontes, questiona generalizações e oferece devolutivas. Depois da produção, conduz uma reflexão sobre as escolhas, as dificuldades encontradas e o que foi aprendido. Esse acompanhamento permite conectar a linguagem da plataforma ao conhecimento escolar.

A avaliação pode combinar critérios relativos à precisão conceitual, à qualidade das fontes, à clareza da comunicação, à coerência entre texto e imagem, à criatividade, à acessibilidade, à colaboração e à capacidade de revisar o próprio trabalho. É importante que os critérios sejam conhecidos previamente e que o peso de cada dimensão corresponda aos objetivos da atividade.

A avaliação formativa deve observar também o processo de pesquisa e de tomada de decisões. Um material final visualmente simples pode evidenciar aprendizagem profunda, enquanto uma publicação sofisticada pode ter sido construída sem compreensão suficiente do tema. Por isso, o professor pode solicitar registros de pesquisa,

versões preliminares, justificativas de escolha, roteiro, referências utilizadas e uma breve reflexão individual.

LIMITES, RISCOS E CONDIÇÕES PARA UMA UTILIZAÇÃO RESPONSÁVEL

A utilização do Instagram na educação também envolve limites que precisam ser considerados desde o planejamento. O primeiro diz respeito à desigualdade de acesso: nem todos os estudantes possuem aparelho próprio, conexão estável, pacote de dados ou condições adequadas para produzir vídeos e editar imagens. Uma proposta que dependa exclusivamente de acesso individual pode ampliar desigualdades. Para enfrentá-las, a escola pode oferecer tempo e equipamentos institucionais quando disponíveis, organizar grupos com divisão equitativa de tarefas, permitir alternativas offline e disponibilizar formatos de entrega equivalentes.

Outro desafio é a privacidade. Publicar o rosto, a voz, o nome ou outros dados identificáveis de estudantes exige cuidados e observância das regras institucionais e da legislação aplicável, especialmente quando se trata de crianças e adolescentes. A atividade não deve obrigar os alunos a utilizar perfis pessoais nem condicionar a nota à exposição pública.

A Lei nº 15.100/2025, que trata da utilização de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais por estudantes nos estabelecimentos públicos e privados de educação básica, reforça a necessidade de planejar qualquer proposta que dependa do celular e observar as normas aplicáveis. O uso pedagógico deve respeitar a regulamentação e as orientações da rede de ensino, não sendo adequado presumir que toda atividade com Instagram possa ocorrer livremente durante o horário escolar.

A acessibilidade precisa fazer parte do planejamento desde o início. Vídeos devem contar, sempre que possível, com legendas; imagens informativas precisam de descrições textuais; textos devem apresentar contraste e tamanho legíveis; e conteúdos visuais não devem depender exclusivamente de cores para transmitir informações. A linguagem deve ser clara, e a publicação pode incluir transcrição ou versão textual complementar. Em turmas com estudantes surdos, cegos ou com outras necessidades específicas, a equipe docente deve considerar os recursos de acessibilidade adequados e assegurar que o formato escolhido não crie barreiras desnecessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar, por meio de revisão da literatura, as potencialidades do Instagram como ferramenta de aprendizagem baseada na produção de conteúdos educacionais pelos estudantes. A discussão indica que a plataforma pode oferecer oportunidades para articular autoria, investigação, colaboração e comunicação, especialmente quando os alunos participam de todas as etapas da produção: pesquisa, seleção de fontes, planejamento, elaboração, revisão e compartilhamento dos materiais.

A principal contribuição pedagógica identificada está na passagem do consumo de informações para a produção orientada de conhecimento. A elaboração de carrosséis, infográficos, vídeos curtos e outras publicações pode mobilizar competências cognitivas, comunicacionais e digitais, além de criar situações em que os estudantes precisam explicar conceitos, adequar a linguagem ao público e avaliar a confiabilidade das informações. Essa perspectiva dialoga com a cultura digital prevista na BNCC e com os debates brasileiros sobre metodologias ativas e multiletramentos.

Entretanto, o estudo também evidencia que a presença do Instagram não garante, por si só, aprendizagem significativa ou inovação. Os resultados dependem de objetivos claros, mediação docente, critérios de avaliação coerentes, acessibilidade, equidade de acesso e cuidados com privacidade, direitos autorais e desinformação. A avaliação deve privilegiar a compreensão demonstrada e o percurso de produção, e não a popularidade do conteúdo. Além disso, o uso de celulares e redes sociais precisa observar as normas institucionais e a legislação vigente.

Conclui-se que o Instagram pode ser incorporado à educação como ambiente de produção e circulação de conteúdos, desde que a plataforma esteja subordinada aos objetivos de aprendizagem e à intencionalidade pedagógica. Mais do que levar a rede social para a sala de aula, trata-se de transformar práticas digitais cotidianas em oportunidades de pesquisa, autoria, reflexão e participação crítica. Nessa direção, o feed pode funcionar como espaço de comunicação do conhecimento construído na escola, enquanto o processo de criação permanece como o núcleo formativo da experiência.

Palavras-chave: Instagram, Aprendizagem Ativa, Metodologias Ativas, Educação Midiática, Protagonismo Estudantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 set. 2026.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. **Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.** Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm. Acesso em: 10 out. 2026.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (Cetic.br). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: **TIC Educação 2023**. São Paulo: NIC.br, 2024. Disponível em: https://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-escolas-brasileiras-tic-educacao-2023/. Acesso em: 06 out. 2026.

MORAN, José Manuel. **Mudando a educação com metodologias ativa**s. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. p. 15-33.

MOREIRA, Thais Caldas Paiva et al. **O uso do Instagram como ferramenta de ensino e aprendizagem: um estudo de caso.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 25, 2023. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8667384. Acesso em: 10 set. 2026.

OLIVEIRA, Dominique de Melo Franco Campelo; GOMES, Veridiane da Costa; RAMIRES, Pietra Gomes; SOBRAL, Adail Ubirajara. **A sala de aula instagramável: o Instagram como possível recurso pedagógico no ensino de produção textual para o ensino médio.** LínguaTec, Bento Gonçalves, v. 8, n. 1, p. 52-68, 2023. DOI: https://doi.org/10.35819/linguatec.v8.n1.6643.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.